

Entrevista Álvaro Castelo Branco

CDS-PP

Círculo eleitoral: Porto

Comissões: Comissão de Ambiente, Ordenamento do Território, Descentralização, Poder Local e Habitação (coordenador GP)

17/01/2017, AR

Relação entre deputados e eleitores (Constituency service)

- Segunda-feira é o dia que está consagrado para o contacto com o eleitorado, mas não quer dizer que não o façamos também noutros dias (nomeadamente ao fim-de-semana)
- Há dois tipos de contacto:
 - Contacto com o eleitorado relacionado com o círculo por onde o deputado é eleito, genérico do ponto de vista das matérias. Estas questões normalmente são mais trabalhosas porque envolvem mais gente (especialmente em distritos maiores, como o Porto)
 - Contacto mais específico relacionado com as comissões do deputado, a nível nacional. Vêm mais de associações da área e são normalmente mais específicas.
- Por outro lado, procuramos desenvolver iniciativas locais, com cariz concelhio e distrital, com associações representativas de cidadãos e com pessoas diretamente. Para isso usamos estruturas partidárias – distritais, concelhias, núcleos de freguesia - para podermos chegar às pessoas e saber quais são os problemas mais prementes em cada sítio.
- E contactamos associações culturais, recreativas, profissionais – normalmente trazem problemas e aí sim temos acesso mais direto a informação.
- Principal objetivo: não estarmos desfasados da realidade quando fazemos leis. Trazer a realidade para o parlamento. Quanto mais conhecermos os problemas, mais bem apetrechados estamos para legislar. É informação para organizar do ponto de vista legal a realidade que vai aparecendo
- O contacto tem aumentado? As novas tecnologias podem ter alguma diferença do ponto de vista da informação chegar mais rápido. Não sou apologista das redes sociais, portanto não tenho essa experiência. Pela minha experiência, hoje em dia rapidamente contacto alguém por e-mail ou sms, antigamente era mais moroso, não era tão fácil fazer este contacto. Por essa via, as coisas estão melhores e são mais eficientes. Mas acho que nada substitui o contacto pessoa a pessoa. Às vezes reúno com alguém e depois preciso de documentos e rapidamente me enviam por e-mail, nesse sentido facilita. [Mas], não acho que haja mais contacto. Vim para a AR em 1999, já havia e-mail e isso tudo. Não noto grande diferença.
- Campanha eleitoral vs legislatura: A diferença é que enquanto eu neste momento, dedico a segunda-feira a contactos com eleitores e depois um dia do fim-de-semana, em média uso dois dias por semana para contacto com o eleitorado, na campanha uso todos os dias. A diferença é essa. Acontece porque é o período legal para isso e é normal que aconteça. E porque a nossa obrigação agora é ir cumprindo e defender o programa

eleitoral que propusemos. Quando chegamos à campanha eleitoral estamos a propor novas coisas e por isso queremos transmitir muito mais ao eleitorado.

Relações partidos-grupos de interesses

- Quais os grupos com que mantém mais contacto? Todos. Depende do tema. Com os grupos representativos em cada área.
- Eu sou o deputado que estou em mais comissões nesta assembleia. Na comissão em que sou coordenador (Comissão de Ambiente, Ordenamento do Território, Descentralização, Poder Local e Habitação) contacto com: organizações ambientais, associações de moradores e senhorios, Câmaras e poder local, associações de municípios e com todos os cidadãos que pretendem trazer ideias e levantar questões nestas áreas
- O nível de participação dos cidadãos é maior (face aos grupos de interesse). Em termos de intensidade de participação. Há associações ambientais que fazem o acompanhamento das questões dia-a-dia. Neste caso, relativamente há dez anos atrás, noto maior participação.
- Quais são as modalidades e instrumentos utilizados? É mais presencial. São agendadas formalmente reuniões presenciais.
- A regularidade depende dos assuntos. Há continuidade até esgotar o assunto
- Convites para participar em reuniões do partido: convidamos pessoas de fora, falam sobre temas que consideramos que é importante que os militantes conheçam e discutam, acontece muito isso pelo país fora. E, ao contrário. Também somos permanentemente convidados para ir a associações e participar em debates e conferências. Acontece com muita frequência.
- Eu pessoalmente gosto mais de ser convidado por associações que nos são adversas, mas depois na prática somos mais convidados por associações que nos são próximas.
- Os sindicatos não nos procuram assim tanto quanto isso, as ordens procuram-nos muito. E a CGTP e UGT são realidades diferentes. CGTP só fala com o CDS quase naquilo que é da praxe conversar. Falo com a CGTP várias vezes, mas não falo com a frequência com que falo com a UGT, nem sequer com a frequência com que falo com ordens.
- Este contacto alterou-se desde a crise? Não, não noto diferença.

Atividade parlamentar

Comissões parlamentares

- Comissões parlamentares: tem a ver com a apetência e com o currículo das pessoas.
- Os deputados expressam preferências? Quem decide?
É a direção do grupo parlamentar. Não é tão linear como está a dizer, porque nós conhecemo-nos uns aos outros. É uma coisa pacífica.

Perguntas ao Governo

- Conteúdo das perguntas: está tudo organizado em comissões. A ideia normalmente surge das suas matérias. Colocamos questões nessa base e obviamente todas elas são sujeitas ao visto da direção do grupo parlamentar. Nós achamos que é oportuno colocar uma questão, elaboramos uma pergunta, enviamos ao presidente do grupo parlamentar para ter o ok dele, basicamente é assim que se passa.
- Ou então enviam-nos problemas, ou neste contacto com o eleitorado há questões que achamos pertinentes e ficamos sensíveis a essa questão e achamos que é oportuno. Ex: vou visitar uma ETAR que está a funcionar mal. A primeira coisa que vou fazer é uma pergunta ao ministro ou ao presidente da câmara, ou ambos, perguntando se conhece a situação e o que é que fez para corrigir a situação, para vermos o que fazemos a seguir.
- Há uma articulação com o programa eleitoral ou momento político? As perguntas são questões muito concretas sobre um tema, e normalmente dentro desse tema sobre uma questão mesmo concreta.
- Os novos deputados têm mais dificuldade? Obviamente uma pessoa quando chega tem um período de dois ou três meses de adaptação, mas não precisa de mais do que isso.
- Oposição vs governo: é diferente porque um deputado quando está no governo, de certa maneira até é menos visível, mas tem mais trabalho. Porque tem que estar permanentemente articulado com o governo. Isso é uma coisa muito trabalhosa e às vezes até conflitual. O governo, embora seja do mesmo partido ou coligação, acaba por ser uma entidade muito autónoma do grupo parlamentar. Muitas vezes com ideias diferentes. E, portanto, há um debate permanente de ideias e às vezes até confronto de ideias. É preciso articular isso. E fazer com que a AR seja do ponto de vista legislativo o equivalente ao poder executivo.
- Quando se está na oposição não há esta articulação com o governo, é meramente do grupo parlamentar. Torna-se mais fácil. Também porque não é preciso ser tão consequente. Se estiver na oposição, procuramos que seja credível e exequível, mas a verdade é que ninguém nos vai por a prova.
- Quando apoiamos o governo, muitos dos projetos de lei que os partidos apresentam é a pedido do governo. E o governo tem meios para os apresentar. Aqui [na AR], trabalhamos com os grupos de trabalho que temos, os assessores que contratamos. O governo não: pede pareceres jurídicos externos, contrata equipas externas, permanentemente, para cada assunto. O governo tem muitos mais meios do que tem uma assembleia. Isto significa que o governo está permanentemente a solicitar aos grupos parlamentares que o apoiam legislação sobre isto ou sobre aquilo e está a conferir-lhe os meios. É muito mais fácil fazer projetos de lei. As perguntas são menos, mas os projetos de lei são mais.
- Coordenação é feita apenas com o CDS ou também PSD? Nós estivemos sempre em coligação. Nesse caso não se distingue muito os partidos. Há uma articulação muito grande entre os dois grupos parlamentares. Obriga quase a reuniões diárias entre os dois líderes dos grupos parlamentares. E a articulação feita com o governo é feita através desses líderes dos grupos parlamentares ou com o secretário de estado dos assuntos parlamentares ou com os ministros de cada área. Mas depois não se distingue muito se é CDS se é PSD. Pode haver tendência do ministro que é do partido falar mais com o seu líder parlamentar

- Nas perguntas ao governo, também há essa coordenação? Fazem-se perguntas, mas normalmente coordena-se. Como o PS neste momento deve fazer. No PS, o que é normal é que se quer fazer uma pergunta ao ministro, tendo em conta a relação de proximidade, é pegar no telefone (se não for com o ministro é com o chefe de gabinete): “olhe vou fazer esta pergunta, há algum inconveniente?” Porque as perguntas são públicas.
- Portanto, o CDS faz isso? O CDS faz isso claro. Quando está no governo.
- Qual é a lógica das perguntas assinadas por vários deputados. Primeiro signatário tem papel específico? Não. Normalmente se um deputado vai fazer uma pergunta, põe sempre a assinar todos os deputados do seu partido da sua comissão. Uma pergunta sobre o ambiente vai sempre assinada por quatro. Muitas vezes, quando assume mais importância, também é assinada pelo líder do grupo parlamentar. E depois também temos o cuidado de falar com o deputado eleito pelo distrito (se for um assunto geográfico). Nós no CDS usamos esse critério.
- Os temas podem vir dos cidadãos, associações, comunicação social, todo o lado. As fontes são todas
- Os temas mudaram desde a crise? Do ponto de vista do discurso político e das preocupações das pessoas, as questões orçamentais e económicas ganharam mais peso. Hoje o discurso político anda mais à volta das questões de finanças, orçamento, défice, dívida pública, criação de emprego, desemprego, crescimento económico. No discurso político de todos os partidos.
- Isso reflete-se nas perguntas? Não. A pergunta é sempre referente à comissão.
- A pergunta é um expediente parlamentar muito usado. Depois a determinada altura há uma competição que é para ver quem é que faz mais perguntas, isso não tem sentido nenhum. Eu se quiser arranjo uma pergunta que se encaixe nas 308 câmaras e mando aos 308 presidentes de câmara. Disparo isso em duas horas e fiz 308 perguntas. Se calhar para nada. Isto não é sério.
- Isso é um bocadinho culpa da comunicação social. E, portanto, aqui na assembleia agora há uma tendência (já de alguns anos) de alguns deputados e alguns partidos quererem ter muitas perguntas porque isso depois traduz-se do ponto de vista da comunicação social.
- E o CDS tem essa preocupação com os números? Não. Eu acho que isso é mais entre o PS e o PSD. E o PCP também gosto muito dessas coisas. O Bloco também não liga muito.
- **Preparação debates quinzenais:** no grupo parlamentar, normalmente reunimos uma vez por semana, costumamos reunir à quinta. Normalmente na quinta-feira que é anterior ao debate quinzenal (que ocorre normalmente sexta de manhã), nós no grupo parlamentar falamos sobre isso. Damos ideias, discutimos, sabemos o que vai passar. Mas tem uma componente muito grande da pessoa que vai fazer o debate. Neste caso, no CDS, é a presidente do partido.
- Do ponto de vista do partido, a comissão executiva é quem dirige o partido no dia-a-dia. Nós reunimos de 15 em 15 dias, sexta-feira à tarde. Normalmente na sexta-feira anterior ao debate (aí é com uma semana de antecedência), também discutimos isso. Da mesma

maneira. Mas isto não é estanque, não é separado. Há uma articulação até pelo facto de muitas pessoas serem as mesmas.

- Que peso tem atividade parlamentar nas listas? É relativo. A qualidade de um deputado não tem a ver com essa produção, tem a ver com outras questões.
- E é avaliada a qualidade do deputado? É, mas até é mais uma avaliação pública, do que propriamente interna
- No CDS existe uma quota do presidente do partido e da comissão executiva e os restantes lugares são uma escolha da distrital. Quer a presidente do partido quer a distrital têm em conta vários fatores quando escolhem pessoas:
 - Competência
 - Representação territorial
 - Homogeneidade do grupo parlamentar, do ponto de vista das matérias (no caso das escolhas da presidente)
 - Preocupação da renovação
 - Experiência: por exemplo, muitos dos deputados do CDS foram assessores aqui, são pessoas que se tornam conhecedoras das matérias.